

RESENHAS

1. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.**

Muito se escreve, muito se discute, hoje, sobre Literatura Infantil. É um tema novo para os estudiosos da Literatura, dos gêneros literários. Entre os primeiros a debruçaram-se sobre o tema, tão importante quanto oportuno, encontram-se as professoras Regina Zilberman e Lígia Cadermatori Magalhães, que, recentemente, publicaram pela Ática este belo estudo. A iniciativa teve seu nascedouro no Curso de Literatura Infantil promovido pelo CPG em Linguística e Letras da PUCRS nos idos de 1977.

O trabalho sobre os textos, a discussão sobre os valores e necessidade da Literatura dirigida à Infância ocuparam as professoras durante longos dias destes últimos cinco anos.

Fábio Lucas, em excelente apresentação do ensaio, explica a natureza e os fundamentos ideológicos da Literatura Infantil. Em sua conclusão o crítico arguto escreve:

"Pode-se dizer que, com *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*, temos um dos estudos mais perfeitos já realizados no Brasil para tipificar o gênero e auscultar-lhe os fundamentos ideológicos. É tarefa pioneira e estimulante, indicadora da maturidade do pensamento crítico nacional, um marco nas investigações literárias entre nós. Tudo que acima se disse não passa de pálida amostra da grande capacidade de penetração das autoras no vasto território da literatura infantil. Regina Zilberman, aliás, já se consagrou pela abordagem original do tema e utilização de uma bibliografia incomum entre nós em *A literatura infantil na escola* (São Paulo, Global, 1981), em que, partindo de textos nacionais, problematiza o verismo e a fantasia para as crianças".

O Sumário mostra-nos o desenrolar do ensaio:

1 — O ESTATUTO DA LITERATURA INFANTIL

- 1.1 — Literatura infantil e tradições pedagógicas
- 1.2 — Da produção à leitura
- 1.3 — A literatura infantil e o leitor burguês

2 — JOGO E INICIAÇÃO LITERÁRIA

- 2.1 — O lugar do jogo
- 2.2 — O lugar da poesia
- 2.3 — A preocupação com o desenvolvimento

3 — HISTÓRIA INFANTIL E PEDAGOGIA

- 3.1 — A formação e a noção de sujeito
- 3.2 — A informação e a atitude crítica

4 — A LITERATURA INFANTIL E O LEITOR

- 4.1 — O texto e a recepção
- 4.2 — A representação da criança
- 4.3 — Transmissão de normas e ruptura
- 4.4 — Literatura infantil: fantasia e exemplaridade

5 — LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA EM FORMAÇÃO

- 5.1 — Uma fórmula consagrada
- 5.2 — Novos contos de fadas
- 5.3 — A preocupação realista
- 5.4 — A valorização do mundo infantil
- 5.5 — Fantasia e realidade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dois enfoques, escrevem as autoras, polarizam, pois, os ensaios aqui apresentados: a reflexão sobre o lugar da literatura infantil na vida da criança, investigando tanto suas raízes históricas, como os laços ideológicos que a prendem à estrutura familiar e escolar. E a análise das obras, nacionais principalmente, que conformam a tradição brasileira, com que as crianças e os adultos, atualmente, se deparam.

Os ensaios são isolados, entrelaçam-nos, porém, o fio da unidade do todo, através das idéias que transitam freqüentemente de um trabalho a outro.

Importa não esquecer, em todos esses estudos e pesquisas, a criança em sua pessoa e em sua vida digna de todo o respeito, como diziam os antigos: "Maxima reverentia pueris debetur." Essa reverência, esse respeito, feitos de amor e de ternura ocupam esses ensaios. Não se esquecendo, porém, o endereço do eterno para a pessoa da criança, feita à imagem e semelhança de Deus, como nos relata o livro por excelência: o Gênesis.

Vivam e cresçam os livros para criança que saibam divertir e educar, que saibam ilustrar e fazer pensar. A criança através da leitura adquire e amadurece o seu sentimento que vai, por sua vez, amadurecendo o critério preparando o juízo crítico.

Ir. Elvo Clemente

2. O ensino da Língua em questão

O ensino da Língua Portuguesa vai mal. Esta verdade não é nova e muito menos desconhecida dos nossos professores. Os cursos de Letras já não formam profissionais capazes de transmitir os conhecimentos mínimos da nossa língua e literatura. Em vez de fazer coro a lamentações desse tipo, a editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, acaba de lançar *Leitura em crise na escola* alternativas para o professor, organizado pela Profa. Regina Zilberman.

O professor aí encontrará uma série de ensaios abordando temas que vão desde a análise de propostas curriculares e sugestões de leitura a reflexões sociológicas em torno do ato de ler e escrever. O mais importante nessas abordagens é que o livro (não o didático, mas o de ficção) jamais deixa de ser o ponto de partida para as questões levantadas. É a partir dele que surgem as propostas para uma revisão do ensino da Comunicação e Expressão. E não poderia ser de outro modo. Os recitadores de regras gramaticais não saberão se situar frente às análises e sugestões dos ensaístas. Não que a gramática tenha sido banida. Mas é que deixou de ser o centro das atenções. O verdadeiro objetivo do ensino da Língua volta a ser ler e escrever. Mais do que isso nunca se pediu. No entanto sabemos que tal objetivo foi esquecido, colocando-se em seu lugar o ensino exclusivo da gramática, entremeado por uma ou outra interpretação de texto. Não se pense, porém, que vamos encontrar receitas prontas ou fórmulas mágicas para modificar o quadro caótico a que chegou esta área de ensino. Tudo dependerá da habilidade do professor em saber trabalhar com o livro e, principalmente, de sua vontade de mudar. "É em prol do alargamento do espaço para o livro na escola que se orientam os trabalhos aqui reunidos", diz sua organizadora. O objetivo maior será o de fazer ver que o aluno é um sujeito ativo no processo de leitura. Sem isto, o ensino só tende a afundar cada vez mais no fosso em que caiu há alguns bons anos.

Descartada qualquer preocupação com a gramática, o professor terá diante de si apenas a esfinge do livro. E é justamente neste ponto onde começam os problemas. Marisa Lajolo escreve a propósito um ensaio muito elucidativo, "O texto não é pretexto". Sua asserção de que "o texto não é pretexto para nada" pode nos parecer radical. Mas não é. O texto só tem validade enquanto ato de leitura, não servindo para buscas de sujeitos ou predicados, concordâncias ou regências. O que se pede ao professor é uma atitude de leitor maduro, onde ler não se confunde com jogos de adivinhação, mas com a busca da significação.

Num outro ângulo da questão situam-se Maria Izabel Cattani e Vera Teixeira de Aguiar. Ao fazerem um balanço das propostas curriculares de algumas Secretarias de Educação, constatam uma série de violações aos valores da criança, quando lhe são prescritos textos que nada têm a ver com seus reais interesses. E pior: terminam por afastá-la completamente do contato com o livro. Tais propostas curriculares, além desse aspecto violador,

se apóiam em metodologias sem originalidade alguma, relegando, ao final, o ato de ler exclusivamente para a cadeira de Comunicação e Expressão. Complementando este trabalho, Vera Aguiar, a partir de determinados critérios de seleção, faz sugestões sobre possíveis leituras capazes de atrair o leitor do 1º grau. E em "Atividades com textos em sala de aula", Ana Mariza Filipouski traça um quadro prático de atividades e roteiros de trabalho que, de acordo com a criatividade de cada professor, poderá dar bons resultados.

Mas é em "A poesia e a escola" que temos uma das melhores contribuições deste "Leitura em crise na escola", onde Lígia Averbuck chama-nos a atenção para o papel da poesia na vida do aluno de 1º grau. Sempre visto como perda de tempo, o professor pouco se dedica a explorar este gênero literário, a não ser quando pretexto para os monótonos exercícios de métrica e rima. A poesia pode servir de meio para desenvolver a criatividade, a expressão e a compreensão da linguagem como forma de representação de nossa experiência. Isso é o que deve ser passado ao aluno. Mas, para que ela alcance este valor, o professor tem de estar preparado para a sua fruição e ser capaz de sensibilizar a criança para recebê-la.

Num plano mais teórico situam-se "A leitura na escola", de Regina Zilberman, e "Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita", de Haqira Osakabe. Seus autores tocam em problemas que normalmente deixamos passar sem uma reflexão maior, quando não os abandonamos de vez. Tanto a leitura quanto a escrita são uma forma de o sujeito se relacionar com o mundo. Se não estivermos atentos a estes dois atos aparentemente tão simples, nossa prática pedagógica pode perder sua eficácia.

Por nos colocar diante de problemas tão sérios quanto estes, é que *Leitura em crise na escola* torna-se leitura obrigatória não só para os que trabalham com Língua e Literatura, mas também para todos aqueles que se acham envolvidos no processo educacional. A editora bem que poderia dar seqüência a este trabalho num outro que aborda tão somente o problema da expressão escrita, apenas tocado no ensaio "Problemas de argumentação na redação escolar", de Alcir Pécora.

Antonio Carlos Viana

3. Drama e Conflito na Manhã Transfigurada

Desde que estreou como ficcionista, Lutz Antonio de Assis Brasil vem merecendo a atenção dos leitores e da crítica que atribuem à sua obra o mérito de revisar, dissolvendo numa ótica contemporânea, certos conteúdos ideológicos, provenientes dos primórdios do século, quando o Regionalismo se impunha na literatura em consonância perfeita a uma época de afirmação nacionalista e de condicionamento político claramente definido.

A obra de Assis Brasil insere-se, portanto, no conjunto de produções de um período em que a revisão se impõe como condição de existência. E, embora avessa ao jogo castrador da tese, permitindo às criaturas literárias viverem intensamente o mundo criado, valoriza-se pelo contato com a História na medida em que recupera, no plano da ficção, o movimento dialético que constitui o processo histórico em seu fluir permanente.

Três romances iniciais — *Um Quarto de Léguas em Quadro! A Prole do Corvo* e *Bacia das Almas*³ — compõem o ciclo de uma ficção de caráter nitidamente revisionista, no qual a perspectiva crítica se amplia de modo a dar realce "ao outro lado da História". Nas três obras observa-se, pois, o deslocamento contínuo do foco narrativo do episódio coletivo ao drama individual, explorando os vínculos e relações que se estabelecem entre indivíduo e sociedade.

Já no primeiro romance — *Um Quarto de Léguas em Quadro*, o Dr. Gaspar de Fróes, médico de bordo que acompanha os casais açorianos colonizadores do sul do país, funciona como testemunho e consciência crítica de uma realidade de privação e injustiça; depois, em *A Prole do Corvo*, os episódios da Revolução Farroupilha permanecem como força motriz dos dramas individuais do povo e da soldadesca, principalmente de Filhinho de Palva, feito soldado em nome de interesses — nem sempre os mais patrióticos — do pai estancieiro, preocupado em conservar o patrimônio ameaçado pela guerra.

Em *Bacia das Almas*, a "prole" do Coronel Trajano, patriarca rural nos moldes da melhor ditadura remanescente, pela submissão e pelo convívio com a tirania, termina incapaz de equacionar e assumir valores próprios. Mesmo depois de morto o tirano, a situação perdura porquanto todas as tentativas levadas a cabo por seus descendentes terminam sempre em fracasso, homens e mulheres privados de sua dignidade e discernimento.

Nesse ciclo, *Bacia das Almas* é uma obra conclusiva: a História — como por aqui se conta — é mera estratificação ideológica. A verdade humana subjaz a ela e, inexoravelmente, as criaturas levam consigo as marcas do passado: a advertência permanece na obra através das analogias que uma leitura atenta pode oferecer entre o plano da ficção e a realidade com que ainda convivemos.

Mas, embora o escritor conheça a importância do conflito individual na configuração da narrativa, é óbvio que, na trilogia, escolheu privilegiar inequivocamente o grupo, o coletivo, o painel composto por nuances individuais, mas repercutindo na História, na formação de uma consciência social e desmitificadora.

Porém, essencialmente um ficcionista, há momentos em que as personagens — sobretudo as femininas — reivindicam para si um espaço maior,

no qual seus dramas e mazelas individuais, seus afetos, encontrem um modo mais amplo de expressão.

*Manhã Transfigurada*⁴ certamente responde a este anseio de aprofundamento psicológico e ficcional das personagens. Postas as coisas nos devidos lugares — assunto, tema e linguagem —, sem romper, mas conciliando um legado cultural e histórico, Assis Brasil reinventa e recorta o tempo, mergulhando em cheio na origem dos dramas e na própria condição de existência do homem: oscilante, dividido, contraditório.

Como novela, *Manhã Transfigurada* não comporta os painéis de suporte que geralmente sustentam o arco de um romance. Nela, tudo conflui para os protagonistas da estória, Camila, Bernardo e Ramiro, vivendo na Vila de Viamão, em pleno setecentos.

A História faz-se presente, agora, não mais centrada no episódio, mas como conjunto de circunstâncias produzidas por uma época, definindo e justificando procedimentos, concepções e imagens. Não se trata de narrar fatos passados, mas de transpor para a ficção a essência da História, as coisas acontecendo na consciência dos homens e conferindo dimensão aos dramas individuais.

Cada capítulo assemelha-se a uma tomada de cena em que a câmara se instala sob o ponto de vista de uma personagem, ajusta as lentes e colhe toda a perplexidade de um mundo densamente barroco que pulula sob a capa de aparente harmonia da Igreja Matriz da Vila de Viamão. E esta técnica corresponde, inegavelmente, à intenção de privilegiar não o enredo, que se torna quase elemento secundário, mas a apreensão do espírito pensando, as impressões contraditórias das personagens sob aspectos vários de uma mesma ação. Cria-se, pois, de forma progressiva e, por que não dizer, espiralada, um mundo de luz e sombra, religiosidade e sensualismo, carne, matéria e espírito, fortemente tensionado e dividido.

Assis Brasil lida bem com tensões e contrastes: a novela impõe, de imediato, o descompasso entre a realidade objetiva, representada pelo lado externo das coisas — os cânones religiosos, os preceitos, os ritos litúrgicos, as horas marcadas pela recitação das Laudes, o Ângelus, as Vésperas — e o interior tumultuado e prospectivo das personagens.

Camila, a mulher, rompe com a estratificação de um mundo dominado pela religiosidade: ao se insinuar no espírito e no corpo dos homens da casa canônica, gera o estranhamento que leva as personagens a indagar o sentido de suas próprias existências. E será através dessas expectativas, desses desejos, desses afetos, dessas indagações que o autor irá compondo a urdidura da novela.

Hábil narrador, dominando sua linguagem de forma absoluta, Assis Brasil modula imagens pictóricas, plásticas, mantendo permanente o clima tensio-

nado da época. As imagens são ricas e sugestivas: a nave imensa e vazia da Igreja Matriz de Viamão; nela, o Padre, figura solitária. Os cheiros se misturando: o de Camila, na lembrança dos homens; o dos corpos jacentes sob o altar, como uma advertência sobre a fraqueza e a fragilidade da matéria humana. O sacristão em roupas de peralvilho, a cara lambuzada de branco e com saipiques de lama, a recostar-se, encharcado, às portas de Camila. O chapéu tricorne a boiar, desmanchado, numa poça d'água. E depois Camila avançando pela nave da igreja, os braços abertos, noiva. Ofrenda a ser consagrada, erotismo místico.

E o gesto final de Bernardo, rebelando-se e destruindo a representação do amor carnal e o símbolo do poder divino traduz o dilema do homem barroco que tenta inutilmente fundir os seus contrários. A manhã — transfigurada pela confluência dos dramas individuais — que a retórica da Igreja é impotente para aplacar — evolui então para a tragédia.

NOTAS

1. ASSIS BRASIL, Luis Antonio de. *Um Quarto de Légua em Quadro*. Porto Alegre, Movimento, 1977.
2. ———. *A Prole do Corvo*. Porto Alegre, Movimento, 1978.
3. ———. *Bacia das Almas*. Porto Alegre, L&PM, 1981.
4. ———. *Manhã Transfigurada*. Porto Alegre, L&PM, 1982.

Léa Sílvia dos Santos Masina